

CONHECIMENTOS ÚTEIS.

PLANTAÇÃO D'AMOREIRAS.

386 Sr. Redactor da REVISTA UNIVERSAL — A effacia e fórma com que na sua interessante folha, se tem pugnado para que em Portugal se tracte seriamente da producção da seda, prova que ella partilha a opinião dos que, como eu, estamos intimamente convencidos das grandes vantagens que ésta nova industria póde produzir no paiz; e desejando eu não ver abandonado o systema de se reproduzirem éstas verdades, porisso que da sua repetição tem redundado a deliberação d'alguns proprietarios nas provincias de verificarem plantações d'amoreiras, como alguns d'esses Srs. m'õ teem communicado, dando por motivo os artigos que liam na REVISTA: e como estamos na estação propria das plantações; por isso rogo a V. se não esqueça d'este interessante ramo, continuando a demonstrar ao governo a precisão em que este novo desinvolvimento se acha de sua effectiva protecção, e a conveniencia em elle ordenar plantações d'amoreiras ás bordas das estradas; assim como aos particulares o novo interesse que d'esta plantaçõ podem colhêr os seus terrenos, sem prejudicar em cousa alguma as demais producções.

Posto me cause não pequeno dissabor o presenciar o insignificantissimo progresso que por ora apparece n'este ramo, em relação aos annos que tenho trabalhado para elle chegar ao desinvolvimento que ha muito deveria apresentar, facilmente se colligirá, que devo ter encontrado extraordinarias difficuldades, e que será facil acreditar que todas ellas tem emanado das auctoridades; mas como não seja n'esta occasião que me proponho a manifestar todas essas occorrencias, limito-me ao ponto de significar o pezar que tenho, de que as constantes demonstrações que todos os ministerios tem dado de apreciar e desejar o desinvolvimento d'este ramo de prosperidade publica, não sejam acompanhadas de conveniente energia para que esses seus desejos sejam cumpridos.

Convindo porém que mui insignificantes são as plantações que até 1845 se verificaram por intervenção das auctoridades, temos para compensação o desinvolvimento d'ellas entre os proprietarios, de que passo a relatar o de que tenho mais exacto conhecimento.

A Serenissima Sr.^a Infanta ex-regente, continuando no entretenimento das creações dos bixos de seda, e tendo fiadeira propria, tem ordenado o augmento das plantações d'amoreiras.

Sei que o actual exm.^o sr. ministro da marinha se tem declarado partidario d'esta producção de riqueza nacional, e que ordenára se plantassem em Val de Zebro o maior número possivel de pés d'amoreiras; e como é provavel tenha ordenado as providencias para serem tractadas, é de esperar que éstas não tenham a mesma infeliz sorte das que ha annos conseguí se plantassem no mesmo local.

Tambem me consta que o exm.^o sr. duque de Palmela acolhêra o projecto que pessoa de sua confiança lhe apresentou para verificar na sua quinta em Calhariz e Serra d'Arrabida a plantaçõ d'amoreiras, e mandar vir de Turim familias praticas nas creações dos bixos da seda e tractamento das arvores, e que S. Ex.^a ordenára a execuçõ de tudo isto, com o que faz

um serviço ao paiz, e se prepara a colhêr as vantagens que sabe que ésta industria produz na Italia.

O exm.^o sr. conde de Farrobo que tambem viajou pela Italia, e que viu o que por la se fazia em seda, conheceu que isto convinha em Portugal, e por isso ja possui amoreiras em quantidade, e mandou vir mestras fiadeiras, as quaes no anno passado deram principio á fiação do cazulo que S. Ex.^a tem mandado crear, e de outro que poderia ter comprado.

O illm.^o sr. Abraham Wheelhouse o maior partidario que eu conheço da producção da seda, tem de tal fórma augmentado a plantaçõ d'amoreiras na sua quinta do Barreiro, que é de esperar seja um dos maiores productores de cazulo no corrente anno, tambem possui os viveiros tanto d'amoreiras brancas como das multicaules.

O exm.^o sr. barão d'Alcochete, Leão, posto que por ora pouco tenha feito em creação de bixos, possui abundantissimo viveiro d'amoreiras e multicaules; do qual ja a camara municipal de Lisboa se suppriu por não as ter proprias.

O illm.^o sr. Antonio Pereira Lima proprietario em Paço d'Arcos, tem-se mostrado grande partidario da seda, e por isso ja plantou em seus terrenos as amoreiras. Este bom emprehendedor é dos que está no caso de vir a produzir perfeito cazulo, porque tem a grande vantagem de que o sexo feminino de sua familia demonstra gosto por esta industria; e ésta vantajosa circumstancia combinada em pessoas tão intelligentes, deve infallivelmente vir a produzir uma das mais methodicas cazuleiras, que sem duvida poderá servir de modelo aos demais emprehendedores.

Em Barcarena tambem eu vou augmentando a plantaçõ d'amoreiras, e possuo os viveiros das duas referidas especies.

Quanto ás creações de bixos da seda, foram geralmente fataes as do anno passado pela excessiva mortandade, em consequencia do grande inverno e irregularidade de tempo, e posto que a minha colheita se tivesse reduzido unicamente a 8 alqueires de cazulo, estou convencido que se eu não tivesse as casas de creação com melhoramentos que lhe havia feito para estabelecer a corrente d'ar, e introducção do sol, quem estes obteria; e quanto a este ponto de crear cazulos, estamos no maior atrazo possivel, pelos que vejo dos que me veem vender, sendo os portadores os proprios a confessar a pessima qualidade dos seus, á vista dos que lhe apresento criados pela minha direcção.

As causas de tão pessimos cazulos são:

1.^o o tirarem a semente de bixos de tão fracos cazulos.

2.^o faltarem á regularidade em horas de comida, e abundancia que lhes convem.

3.^o falta d'escolha na boa qualidade de folhas para os nutrir; o que se intende em geral para os curiosos de pequenas creações, porque para os de maior porção tem de ter em grande consideração a casa em que os criam, e que n'esta possam estabelecer quanto se lhes torna conveniente.

Foi tal a miseria da producção de cazulo no anno findo de 1845 que apenas comprei 4 alqueires em diversas porções, e porisso os reservo, assim como a minha pequena producção, para serem fiados com os que mais accrescerem no corrente anno.

Tem havido muitos outros curiosos que em ponto pequeno tem feito plantações, e os proprietarios na ilha da Madeira e Açores tambem parecem dispostos a tentar a nova producção, pelas plantações que se ali se fizeram.

Fica demonstrada a lentidão que tem havido no desenvolvimento d'esta nova industria; mas como estou bem sciente de todas as suas circumstancias posso afirmar que, se o governo providenciar como convem e é de justiça, e ao que parece disposto, sobre as representações que lhe foram dirigidas e que, como uma cadeia, tem entre si completa ligação, poderá o anno de 1846 ser designado como a epocha do desinvolvimento da seda, como o confirmará o reclamado mercado do cazulo.

Sendo pois que a referida narração possa no todo ou em parte, ser julgada por V. como conveniente publicar-se, terá a bondade de a modificar como bem lhe parecer, pois fico certo me acompanha nas vistas com que d'ella se serve quem é

De V. etc.

Lisboa 5 de janeiro
de 1846.

Antonio Peãro de Sales.

A Redacção assegura ao seu illustre correspondente que a REVISTA continúa a tomar o maior interesse por este importante objecto da cultura d'amoreiras e fabrico da seda, assim como por todos os outros de utilidade pública, principal fim dos esforços da Redacção. Se todavia ainda até hoje se não occupou d'este assumpto é porque a variedade d'este jornal, e a necessidade de tractar de todos os objectos de curiosidade e interesse publico, lhe não tem dado occasião: brevemente porém, um artigo sobre a cultura d'amoreiras apparecerá n'estas columnas, visto ser este o tempo proprio d'ella. No entanto, respondendo com esta promessa ao sr. M. J. Affonso Vianna, d'Evora, que escreveu á REVISTA pedindo estes esclarecimentos, indico-lhe tambem o sr. Sales — rua das Flores n.º 37 — como a pessoa a quem melhor se poderá dirigir para obter as estacas e as necessarias indicações da sua plantação.

STATISTICA-NECROLOGICA.

387 Em dezembro de 1845 falleceram no bairro-Alto: — do sexo masculino 21: — do feminino 19: — expostos na Misericordia 19. — Total 59. As molestias principaes de que falleceram foram: — apoplexias 7 — ptisicas pulmonares 2 — febres 1 — bronquites e pneumonites 5 — diferentes phlegmasias abdominaes 7 — escrophulas 3 — convulsões causadas pela dentição 2 — asthma 1 — anasarca 1 — diversas lesões do coração 5.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram — 2 empregados publicos — 1 militar — 1 ecclesiastico — 3 artistas e operarios. — E d'entre os 59 fallecidos d'ambos os sexos — 2 tinham de 70 a 80 annos d'idade: — e 7 de 80 a 90.

Dr. Matheus Cezario Rodrigues Moacho.

Vice-Provedor de saúde do B. Alto.

PLANTAÇÃO D'ARVORES.

388 Estamos no tempo de plantar arvores, que são muito necessarias para a conservação da vida dos ho-

mens e animaes, e que produzem muitas riquezas. Parece-nos conveniente que os jornaes todos lembrem n'esta epocha uma das maiores necessidades de nossa terra, para que todas as camaras, á imitação da de Lisboa e muitas outras, tomem a peito a plantação d'arvores, que tem a propriedade de regenerar o ar que respiramos, absorvendo o gaz acido-carbonico (que se evapora continuamente dos pantanos e de outras materias fermentantes) e exallando o oxigenio puro: a natureza as creou para ornato do mundo, utilidade de todos os viventes, e principalmente do homem: se nós somos de todos os animaes aquelles que as podemos destruir com mais facilidade, tambem somos os que temos o dom da razão, para conhecermos o bem e mal que com isso fazemos.

Algumas de nossas terras, principalmente no Douro, são insalubres, e na estação calmosa costumam ser invadidas por mortiferas epidemicas, cujos estragos se augmentam depois que se tem cortado a maior parte das arvores, para destilar aguas-ardentes. O clima de algumas terras da Beira-Alta e Baixa torna-se em alguns sitios insupportavel no verão por falta d'arvores. Um espirito, que se póde chamar de barbaria, tem feito cortar immenso número de arvores, lançando fogo a outras, destruindo-se todas as que existem, ou se plantam nos montados, a que os barbarescos pastores lançam todos os annos fogo. E vejam como estamos atrazados! O Druida ignorante e barbaro das Gallias, o Flamine dos romanos, adoravam as arvores: e ainda hoje os pais nos Estados- Unidos, quando lhes nascem filhas, fazem plantações d'arvores, que lhes designam com o titulo de dote para quando casarem. Não se faça pois guerra ás arvores, que tanto nos servem e utilizam.

Lembrâmos á exm.ª camara de Lisboa, que tanto se tem distinguido em mandar fazer obras de utilidade pública, que mande plantar por dentro dos piões de pedra do terreiro-do-trigo uma duzia de faias ou bellas combras, fazendo-lhes grandes covas, que devem ser cheias com os lixos das carroças, afim de prosperarem e se engrandecerem em pouco tempo. O arvoredo n'aquelle logar fará o sitio mais aprazivel, e as arvores abrigadas dos ventos crescerão aponto de formarem um bosque no verão, para amenizar aquelle bairro, e formar-se alli o melhor passeio que haja em Lisboa para suavizar os ardores e seccura da estação calmosa. Como em Lisboa se não podem dar grandes passeios n'esta estação por causa do vento e calor, convem ter passeios por toda a cidade com arvores, e em logares abrigados, para que toda a gente possa respirar o ar da vegetação, e passear sem incommodos nem fadiga.

Lembrâmos tambem a todas as camaras do reino, que tem baldios e estradas nos seus concelhos, que plantem n'estes logares os sobreiros, que são hoje as arvores mais uteis que ha, por causa do grande preço da cortiça, actualmente empregada em muitos usos, e até em mobilia e utensilios de grandes casas nas nações do norte. Formem-se associações em todos os concelhos do reino para plantar sobreiraos, e fiquem sendo propriedade das familias que os mandarem plantar. Em poucos annos o reino possuirá uma grande riqueza, e a prosperidade physica dos povos ganhará servindo-lhe este arvoredo de lhe conservar a saúde e a vida.

B.

HORTO-BOTANICO DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA. (*)

389 So juncto das nossas plantas poderemos disfructar a belleza com que hoje se nos manifesta a percursora do sol. Sôbre as folhas dos vejetaes e suas mimosas corollas, rorejam ainda as piquenas gottas de liquido, lustrosas perolas, tão bellas e engraçadas como a lagrima abrazadora de donzella, que lhe desliza pela face suavemente córada pelo pudibundo rubor que caracteriza uma virgem. O calor mais intenso, como a presença do amante, virá desfazer esse meigo adorno que tanto abrilhantava o ente a quem pertencia.

A presença do sol é sem dúvida a causa de innumeraveis phenomenos, bastante curiosos, porém talvez ainda pouco estudados. Este astro creador passeia ufano pelo centro do universo; e na sua magestosa carreira reparte liberalmente seus dons com todos os entes da natureza. Sem elle a nossa vida seria um continuo penar, uma monotonia indizível, um viver desgostoso: é elle que faz exhallar do solo esses vapores lentos e imperceptiveis, que depois vem, cahindo sôbre a terra, dar vida aos seres que da mesma terra o derivam. Seus raios benignos dão á atmospherá um grao de temperatura proprio para o desinvolvimento dos orgãos vejetaes, permittindo assim a completa elaboração de seus succos, e dando ás suas petalas um colorido mais bello, uma fragancia mais viva.

Não julgueis porém que todas as plantas se apprazam do sol, e debaixo da sua influencia disfructem vida mais feliz; algumas permanecem como invergonhadas durante o dia, e so ao despontar da noite, quando as trevas começam de dominar, é que suas corollas se abrem; talvez para mostrar sua belleza a algum ente que a iguaes horas se alegre de encontrar uma prenda com que adornar o seio da donzella que ama. Ainda debaixo da influencia de uma luz palida, ao baço reflexo da lua, as flores se prestam ao homem que lhes paga com um golpe d'exterminio, com a cruel separação a que as condemna, arrancando dos braços do pai, do tronco ja velho, o raminho novo, alegre e florido.

D'estas plantas tendes bem perto um exemplo na familia das *Nictaginas*; esse vegetal que vedes tão crescido, e corpulento é o *mirabilis dichotoma*, *boas-noites* ou *jalapa bastarda maior*; esse outro o *mirabilis jalapa*, *jalapa menor*: suas flores, agora fechadas so se abrirão quando o sol se occultar no horizonte. Adiantemo-nos mais, e encontrareis bem depressa novo exemplo da influencia da luz na vegetação: aqui tendes presente a familia das *malvaceas*, grupo perfeitamente caracterizado pela disposição das petalas e dos estames; e onde a medecina encontra grande cópia de recursos com que se enriquece. Não contempleis essa grande multidão de vejetaes que ahi figuram, fixai a vossa attenção n'este *hibiscus mutabilis*, que vos surprehenderá se o contemplardes de manhan e á tarde. As *auroras*, ou *rosas de San' Francisco*, na primeira epocha do dia são perfeitamente brancas, mas essa côr rapidamente desaparece tornando-se a flor vermelha á proporção que o dia vai crescendo. Na familia das *camellias* de D. C., a *rosa do Japão*, que ahi vedes, bastantes vezes se estiola debaixo da in-

fluencia de um sol mais intenso do que seus tecidos podem supportar. Não passemos adiante sem examinarmos a *tilia europea*, que representa a familia das *tiliaceas*. Lancemos agora os olhos sôbre esse grupo tão importante e indispensavel, tão util á humanidade, e tão ricco nos principios que nos fornece. Não desconheceis certamente éstas plantas que nos dão o pão e tantos outros principios uteis; porém talvez não tenhaes attendido para a disposição especial de seus involucros floraes. Para designar estes orgãos a sciencia creou nomes novos; vós não encontrareis aqui o mimoso e brilhante vestuario das outras plantas, mas sim uns orgãos completamente diferentes a que os botanicos tem chamado *gluma*, *glumela*, e *epicens*. O character d'estes vejetaes é a humildade; nem vos admireis, que não será ésta a ultima vez que encontrareis o util e proveitoso já sombra do individuo orgulhoso e inutil. Ésta primeira planta é o *croix lacrima*, L., *Lagrimas de Job*: se percorreres ésta parte vereis os individuos mais interessantes da familia das *gramineas*, que se prolongam até juncto da *cannabambu*, *Bambusa arundinacea*.

Aqui o trigo, esse vegetal tão prestadio e sem o qual as nações mal poderiam existir, figura ao lado do *Hordeum distichon* e *hexastichon*, *cevada-sancta* e ordinaria. Todos estes seres fazem hoje a principal nutrição do homem da Europa: o trigo é o alimento do mais abastado, a cevada cabe em sorte ao mais mediocre, e o pobre ainda encontra no centeio, que ahi vedes ao lado, o seu pão, o seu sustento. Caminhai que desejo mostrar-vos n'este grupo seres de quem a medicina se utiliza, ahi está a *Digitaria stolonifera*, o arroz, *oryza sativa*, e o *arundo-donax*, ou *canna* ordinaria. Talvez não repareis, que o arroz necessita para nos dar sua semente estar banhado em agua. Mas de todos os vejetaes aqui reunidos o que vou mostrar-vos póde ser que vos interesse sôbre maneira, não so por ser nascido em um clima bem diverso do nosso, como tambem pela riqueza de seu sangue a que os botanicos chamam seiva.

Bastantes vezes tendes saboreado seu succo, elle certamente hade ter representado um papel importante nos vossos banquetes; na medicina é hoje muitissimo empregado, é mesmo uma fonte de riqueza; e vós que tanto vos tendes aproveitado d'este vegetal não o conheceis. Reparai para suas folhas envaginantes e compridas, attendei para o caule longitudinalmente estriado, sôbre o qual nasce a flor disposta d'aquella maneira a que os botanicos chamam *panicula*. Não quero mais deter-vos, vedes aqui juncto de nós a *canna-do-assucar*, *Sacharum officinarum*, L. O seu succo de envolta com outros principios abunda em assucar, principio este que a natureza nos presta com liberalidade.

Mas deixemos ésta planta, que vos deleita o paladar, para irmos visitar a familia das *rosaceas*, onde se acha a rainha dos prados acompanhada de mil outras flores bellas. Todas as flores são formosas, todas affectam de uma maneira especial os nossos sentidos, todas occultam algum mysterio; porém ésta mais do que todas nos diz um segredo ao coração, nos revela um arcano aos olhos, nos representa uma imagem que o pincel de homem não sabe traçar. A *rosa de cem folhas*, *rosa centifolia*, a *rosa amarella*, *rosa sulphurea*, a *rosa gallica*, a *rosa branca*, a que tem

(*) Continuação de pag. 327.

muitas flores, como a *sempre flora*, representam um quadro vistoso, perfeitamente rematado por essa delicada roseira, a quem o mimoso musgo dá tanto realce como aos labios de menino que ri para sua mãe dão graça e gentileza as facezinhas de neve!

Deixai a familia das *grossularias* e *Saxifragaceas*, que outra nos convida a attenção, é humilde e rastejante porém na sua pequenez ainda é bella e agradável. Virgilio já dizia:

Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.

E com razão; a *violeta*, ou *viola adorata*, reúne ao cheiro que exhalla a utilidade que d'ella se póde tirar. N'esta flor encontraes um órgão especial a que os botanicos chamam *esporão*; bem semelhante áquella modificação organogenica denominada nectario, nome que nada exprime. Este vegetal enriqueceu a materia medica com mais dois corpos novos, cada um dos quaes reside na porção opposta do caule. Na parte aerea a *violina*, e na porção que se dirige para a terra a *emetina*, a quem as raizes d'esta planta devem a sua propriedade vomitiva. A *viola tricolor*, *amor-perfeito*, ou *flor-seraphica*, é ainda individuo d'este grupo; seu nome lhe compete bem, como áquell'outro vegetal que representa a familia das *passifloras*, o de *martyrio* ou *flor-da-paixão*, como o vulgo lhe chama.

Outro dia chamarei a vossa attenção sobre a disposição dos estames d'esta flor; não temais que ella morra porque os botanicos tambem sabem immortalizar as suas plantas; já temos um *herbario* em que os nossos vegetaes ficam completamente representados. Não são as tristes mumias do Egypto, feias e horrendas, são seres que abandonados de vida ainda são alegres e encantadores.

(Continúa.)

João José de Souza Telles.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXIX.

Doçuras da vida. — Imaginação e sentimento. — Poetas que morreram moços e poetas que morreram velhos. — Como são escriptas estas viagens. — Livro de pedra. Criança que brinca com elle. — Ruínas e reparações. — Idea fixa do A. em coisas d'arte e litterarias. — Sancta Iria ou Irene, e Santarem. — Romance de Sancta Iria. — Quantas Sanctas ha em Portugal d'este nome?

390 Este sonbar acordado, este scismar poetico diante dos sublimes espectaculos da natureza, é dos prazeres grandes que Deus concedeu ás almas de certa tèmpera. Doce é gosar assim... mas em que doçuras da vida não predomina sempre o acido poderoso que stimula! Tirae-lh'o, fica a insipidez; deixae-lh'o, ulcéra porfim os orgams: o gôso é mais vivo porque a acção do estímulo é mais sentida... mas a ulceração cresce, o coração está em carne-viva... agora o prazer é martyrio.

Infeliz do que chegou a esse estado!

Bemaventurado o que póde graduar, como Goethe, a dóze d'amphião que quer tomar, que

poupa as sensações e a vida, e economiza as potencias de sua alma! N'esses porém é a imaginação que domina, não o sentimento. Byron, Schiller, Camões, o Tasso morreram moços; matou-os o coração. Homero e Goethe, Sophocles e Voltaire acabaram de velhos: sustinha-os a imaginação, que não despende vida porque não gasta sensibilidade.

Imaginar é sonhar, dorme e repousa a vida no entretanto; sentir é viver activamente, causa-a e consomme-a.

Isto é o que eu pensava — porque não pensava em nada, divagava — em quanto aquelles versos do Fausto me estavam na memoria, e aquella saudosa vista do Tejo e das suas margens deante dos olhos.

Isto pensava, isto escrevo; isto tinha n'alma, isto vai no papel: que d'outro modo não sei escrever.

Muito me pèza, leitor amigo, se outra coisa esperam das minhas VIAGENS, se te falto, sem o querer, a promessas que julgaste ver n'esse titulo mas que eu não fiz decerto. Querias talvez que te contasse, marco a marco, as leguas da estrada? palmo a palmo, as alturas e larguras dos edificios? algarismo por algarismo, as datas de sua fundação? que te resumisse a historia de cada pedra, de cada ruina?..

Vai-te ao padre Vasconcellos; e quanto ha de Santarem, peta e verdade, ahí o acharás em amplo folio e gorda letra: eu não sei compor d'esses livros, e quando soubesse, tenho mais que fazer.

So tenho pena de uma coisa, é de ser tam desastrado com o lapis na mão; porque em dois traços d'elle te dizia muito mais e melhor do que em tanta palavra que porfim tam pouco diz e tam mal pinta.

Santarem é um livro de pedra em que a mais interessante e mais poetica parte das nossas chronicas está escripta. Ricco de illuminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais bello e o mais precioso de Portugal. Inquadrado em esmalte de verde e prata pelo Tejo e por suas ribeiras, fechado a broches de bronze por suas fortes muralhas gothicas, o magnifico livro devia durar sempre em quanto a mão do Creador se não extendesse para apagar as memorias da creatura.

Mas ésta Ninive não foi destruida, ésta Pompeia não foi submergida por nenhuma catastrophe grandiosa. O povo de cuja história ella é o livro, ainda existe; mas esse povo cahiu em in-

fancia, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuços com ellas.

Não se descreve por outro modo o que esta gente chamada govêrno, chamada administração, está fazendo e deixando fazer ha mais de seculo em Santarem.

As ruínas do tempo são tristes mas bellas, as que as revoluções trazem, ficam marcadas com o cunho solemne da historia. Mas as brutas reparações da ignorancia, os mesquinhos concertos da arte parasyta, esses degradam, profanam, tiram todo o prestigio.

Tal é a geral impressão que me faz esta terra. Almoçemos que ja oigo chamar para isso, e iremos ver depois se me inganei.

Ao almoço a conversação veio naturalmente a cahir no seu objecto mais óbvio, Santarem. D. Affonso Henriques e os seus bravos, San'Frei Gil e o Sancto-milagre, o Alfageme e o Condestavel, el-rei D. Fernando e a rainha D. Leonor, Camões desterrado aqui, Fr. Luiz de Sousa aqui nascido, Pedralvares Cabral, os Docems, quasi todas as grandes figuras da nossa historia passaram em revista. Porfim veio Sancta Iria tambem, a madrinha e padroeira d'esta terra cujo nome aqui fez esquecer o de romanos e aborígenes.

Quem tem uma idea fixa, em tudo a mette. A minha idea fixa em coisas de arte e litterarias da nossa peninsula são as chacaras e romances populares. Ha um de Sancta Iria.

Porque é a Sancta Iria da trova popular tam differente da Sancta Iria das legendas monasticas?

A trova é esta, segundo agora a rectifiquei e appurei pela collação de muitas e varias versões provinciaes com a ribatejana ou bordalenga, que em geral é a que mais se deve seguir. *

Stando eu á janella co'a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,

Passa um cavalleiro, pedia pousada;
Meu pae lh'a negou: quanto me custava!

— 'Ja vem vindo a noite, é tam so a estrada...
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha esta porta á noite cerrada.'

* Nas notas a ADOZINDA, vol. I do 'Romanceiro', nota N, citei differentemente esta copla pela imperfeita licção de um Ms. do Minho, unico que tinha á mão.

Roguei e pedi — muito lhe pezava!
Mas eu tanto fiz que porfim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.

A's mãos lhe dei agua, elle se lavava;
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Poucas as palavras, que mal me fallava,
Mas eu bem sentia que elle me mirava.

Fui a erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus lindos olhos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a cea, muito bem ceava;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava:
Tam má cortezia nunca a vi usada!

Lá por meia noite que me eu suffocava,
Sinto que me levam co'a bôcca tapada...

Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo sempre á desfilada.

Sem abrir os olhos, vi quem me roubava;
Callei-me e chorei — elle não fallava.

D'alli muito longe que me perguntava
Eu na minha terra como me chamava.

— 'Chamavam-me Iria, Iria a fidalga;
Por aqui agora Iria, a cansada.*'

Andando, andando, toda a noite andava;
Lá por madrugada que me attentava...

Horas esquecidas commigo luctava;
Nem fôrça nem rogos, tudo lhe mancava.

Tirou do alfange... alli me matava,
Abriu uma cova, onde me interrava.

No fim de sette annos passa o cavalleiro,
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro:

— 'Que ermida é aquella de tanto romeiro?'
— 'É de Sancta Iria que soffreu marteiro'

* Outra ticção, e talvez melhor diz! a coitada.

— 'Minha Sancta Iria, meu amor primeiro
Se me perdoares, serei teu romeiro.'

— 'Perdoar não te heide, ladrão carniceiro,
Que me degollaste que nem um cordeiro.'

—
Ou houve duas sanctas d'este nome, ambas de
aventurosa vida e que ambas deixassem longa e pro-
funda memoria de sua belleza e martyrio — o de
que não tenho a menor idea — ou nos escriptos
dos frades ha muita fábula de sua unica inven-
ção d'elles que o povo não quiz acreditar: alias
é inexplicavel a singeleza d'esta tradição oral.

Tam simples, tam natural é a narração poe-
tica do romance popular, quanto é complicada e
cheia de maravilhas a que se auctoriza nas recor-
dações ecclesiasticas.

O caso é grave, fique para novo capitulo.

Continúa.

A. G.

DO PARIATO. (*)

391 Os nossos reis davam terras e dinheiro sem con-
sulta. O juramento do conde de Bolonha continha entre
outras clausulas a de que havia de tomar sempre con-
selho com os prelados, mas não para dar terras ou
dinheiro. (D. R. da Cunha, Hist. ecc. Brag.) Não admi-
re a ingerencia ecclesiastica n'isto, porque todos os
negocios temporaes eram os padres n'aquelle tempo
que os tractavam. Peculiar foi quem assignou a es-
criptura em que D. Affonso Henriques se fez feuda-
tario á Sé apostolica pelo reino portuguez, dando qua-
tro onças d'oiro annuaes. (D. Rod. da C. obra su-
pra cit.) E não era so no nosso reino, era tambem
nos outros, e com igual truculeucia que elles manda-
vam. D. Sancho deveu a sua queda principalmente á
resistencia que lhes fez, por não querer estar sujeito
ao bago das religiões que comiam a terra, e secunda-
riamente tambem porque o pontifice em Roma, com
a peripecia d'esta desauthoração, preparava o cami-
nho para igual attentado ao imperador Frederico na
Allemanha. (D. R. da C. hist. eccl. Lisboa).

Sobre o podêr que exerceu o clero entre nós falla-
rei mais tarde. Mas se este reinou sobre os reinantes,
não foi ja assim o poder politico do terceiro braço,
isto é, o do povo; porque esse foi pequinissimo dian-
te quer de um — o real, quer do outro — o espiritual.
As côrtes [preambulo ás de 1459 em Lisboa] reinando
D. Affonso V. não hesitaram em dizer — assy no rei
que é Deus da terra — O uso do titulo de 'vossa real
magedade' vê-se ja dado a D. Duarte nas cortes de
1434, feitas em Santarem. (1)

Elrei seu pai, D. João I. tinha dinheiro no com-
mum de Florença. (Hist. Gen. Test. d'elrei J. I., an.
1426.) Ésta circumstancia quasi que basta, ella so,
para mostrar a supremacia dos nossos reis, sobre

(*) Continuação de pag. 344.

(1) As minhas principaes citações das nossas cortes são de
um MS. do sr. A. J. Guião que estava na Bibliotheca Publica
de Lisboa e que s. ex.^a o sr. Balsemão me fez a distincção de me
franquear ha annos.

os reis seus contemporaneos. Os outros em vez de o
la terem, tinham constantemente que o pedir aos mer-
cadores de Florença. Assim o fez o rei de França aos
Peruzzi: assim o fez tambem Eduardo de Inglaterra,
aos Bardi, que afinal quebraram por elle lhes não pa-
gar o que lhes devia (Gior. Villani, Istorie Fiorenti-
ni, p. 8. l. 12. c. 55.) Muito antes de D. João I.
ja elrei D. Diniz tinha imprestado 16.600 marcos de
prata a elrei D. Fernando de Hispanha. (F. Brand.
Mon. Lus. l. 18, c. 33.) D. Duarte mandou embai-
xador ao concilio da Basilea para pedir se tractasse
de algum meio de paz entre os reis de Inglaterra e os
de França. (Cat. dos B. do P., e D. R. da C.) Os nos-
sos reis passados fizeram pêso na Europa da meia ida-
de. Em tempos barbaros faz tudo ao caso o character
das pessoas que n'elles figuram. Elrei D. Sancho I,
em 1188, indo ao Algarve, regulou a successão por
uma lei testamentaria, sem attenção ás Cortes de La-
mego, quando ellas tivessem existido. (Elucid. voc.
Rébora.)

Tem-se dito unisonamente que elrei D. João I. foi
o primeiro dos nossos monarchas. Pôde-se dizer o que
se quizer d'elle, mas o que eu vejo é que elle teve
sempre uma vara de ferro sobre o povo, e que do seu
tempo datam os tributos geraes, havendo menos
liberdade nas cortes convocadas no seu reinado do
que no das d'elrei D. Fernando, quando os provoca-
dores fallavam muito mais, e expunham mais ampla-
mente os seus queixumes. Ninguém nunca piou diante
do Mestre. Uma occasião tostou um pagem, por andar
em mancebia. Elrei D. João I. sendo illegitimo não
se me figura a mim senão um homem forte, e supe-
rior, a quem a fortuna deu aso para conquistar ou
usurpar o reino, do qual deu o que não pôde guar-
dar, sem lhe importar mais nada. Assentado no thro-
no tractou de se aparentar bem casando com uma in-
gleza, que ao cabo tambem era filha de outro inglez
desinvolto, que andava feito paladino correndo aven-
turas pelo mundo. A sua ida á Africa não a con-
sidero eu senão como um stratagemma, que anticipa
a nossa integração territorial, para ficarmos para to-
do o sempre pêcos, e uma potencia de nenhuma ordem.
Ao falso esplendor das preoces conquistas com que in-
grandeceu o seu nome, este rei, reduziu á sub-
jeição a nação, porque a quebrou, retalhando-a na
Africa. Ha demais o terrivel flagello a accrescentar de
ter degradado, por causa das suas precisões, a moe-
da a um terço do seu valor. [J. P. Ribeiro, Mem. Acad.
T. 1.º] Certamente que quem preferir o brilho á bon-
dade, hade persistir nos encomios a este rei; mas de
outra sorte, não. Elle apropriou-se o reino a seu bel-
prazer.

Dados estes dois exemplos de rizeza de fibra, of-
ferece-se outro, entre muitos, da contraria tendencia.
É o do conde de Bolonha. Foi sempre fraco este rei.
Parece um prioste a arrecadar as rendas para a igre-
ja. A sua successão extraordinaria ao throno trouxe
um grande sacrificio para o reino. N'este tempo pro-
straram-se portanto todos os direitos diante da sa-
marra de mangas perdidas. Se se quizesse acaso in-
sistir sobre a preponderancia do terceiro estado por-
tuguez, o do povo, passado mesmo seculos depois
da affronta que a coroa soffreu na cabeça de D. Sancho,
talvez se podesse citar a recommendação das cortes a
D. João III., para que visitasse as terras todos os seis

annos. De nenhuma consequencia é porém este capitulo, nem o outro de convocar cortes todos os dez annos, porque, tirando algum insulto do clero, nem grandes nem povo poderam nada em Portugal contra os reis. O conde D. Alvaro Pires de Castro disse: Arreal arreal, cujo for o regno levalloá, pelo Iffante Dom Joham e D. Diniz seus sobrinhos; mas foi o mesmo que se não *tossisse*, porque o Mestre d'Aviz é que o levou. (Ined. Acad.) O direito aragonez: de podêr *eligir ô fiel ô pagano*, não andando bem o rei, nunca vingou cá, posto que se imitasse uma maravilha a divisão allodial do reino; o que ja se la praticava antes de existir o nosso (Çurita, an. 1025.) Nos annaes d'Aragon tambem vem o infante D. Pedro protegendo os moiros contra D. Jayme, prova que até á igreja deitava a luya a realza em Portugal. [id., 1254.]

As ideas dos nossos jurisconsultos sôbre os direitos reaes são illimitadas. Velasques, quaest. 8.^a, diz Princeps nequit à se expropriare illam supremam jurisdictionem.... Mello Freire veio em mau tempo para esta qualidade de investigações; era quadra de transição, fez pouco caso do preterito: tinha medo de accreditar no passado, porque o queria destruir; mas ja que elle ainda serve de mestre á mocidade portugueza que frequenta a nossa Universidade, convem declarar que tractando (L. 2.) de Jur. Person. nenhum escriptor patrio foi ainda mais desesperadamente servil a respeito de direitos magestáticos portuguezes, querendo que nunca existisse direito publico popular entre nós (tit. 3. § 36 in nota.) Assim como n'este tit. não andou com a historia, tambem não se pôde dizer que comprehendesse a essencia do direito feudal, porque diz que o nosso reino fôra constituido por elle, o qual se extinguiu com D. João I. Diz isto no tit. 9.^o, e passando á historia do Jur. civ. lus., não lhe importa dizer (no cap. 5 § 38 in nota), que a coroa fôra dada ao fundador da monarchia em dote; o que tambem corrobora mais adiante (no tit. 12), dizendo: Itaque Regia sempre inter nos dicenda est non patrimonialis nec veri feudalís. Affoitamente podia assim pronunciar-se, porque a unica vez que se ve na nossa historia uma doação feudal é no tempo de D. Affonso III, e vem a ser a do reino do Algarve doado a este rei por elrei de Castella D. Affonso-o-sabio, mediante o serviço de 50 cavalleiros ou lanças. (Hist. Genea. Supp. f. 673.)

Eu não sei se este trabalho em que eu me tenho estado a occupar tem alguma serventia; mas se tem, todo o pêso de factos que eu trouxe para elle é pouco, para mostrar a indole da nossa organização politica, em contradistincção á britannica, e d'ahi poder-se colligir a oportunidade do pariato portuguez.

Foi o ciúme tão significado sempre da parte de nossos reis a qualquer tendencia feudal no paiz, que tendo o nosso condestavel concebido algumas aspirações n'esse sentido, não obstante possuir a metade do reino e o Mestre ter-lhe dito que partiria o reino com elle; achando-se depois D. João I firmemente assentado no throno, não lhe quiz consentir certos vassallos escudeiros que tinha investido em seu serviço; e preferiu dar-lhe 330.000 livras, 8.000 e mais 1.500 dobras, e restituir-lhe as terras que tinha alienado a esses vassallos, e que desistisse do seu intento, o que elle fez. (F. Lopes, p. 2.^a C. 152 e 153.)

Apoderava-se a menagem com tanta religião da par-

te dos vassallos para com o seu rei, que em Portugal não devemos a nenhuma outra causa o heroismo de Fernão Rodrigues Pacheco, e de Martim de Freitas. (Pina. D. Sancho II.) Não foi para o conde de Bolonha tirar o castello a este último que lhe tinha entregue D. Sancho II. Em Portugal nunca se subintendeu a subdelegação do serviço em nenhuma pessoa que estivesse entre ella e a coroa (Hist. Genea. T. 3, L. 4, p. 487.) Intende-se bem que ainda mesmo que não houvesse o regimen feudal, podia haver um outro qualquer que subjugasse a coroa; mas não o havia: o podêr ecclesiastico foi sem duvida grande, mas não tanto que convertesse a nossa constituição em uma theocracia. Mais adiante se fallará dos seus bens temporaes.

Em quanto á fidalguia, pouco possuiu e pequeno era o número de seus membros. No tempo de D. Pedro, diz D. N. Leão, que havia pouca ou nenhuma fidalguia titular: homens honrados e de teres, é o que havia. Se ao tempo de D. Pedro ainda os não havia, muito menos os deve ter havido antes d'elle. É verdade que os *Ined.* (T. 4.^o) dão a este rei por grande criador d'elles. Di-lo F. Lopes, nas seguintes palavras — Elle foi gram criador de fidalgos de linhagem porque n'aquelle tempo nom se costumava ser *vassallo*, se nom filho e neto ou bisneto de fidalgo de linhagem — Este chronista tem creditos, que eu não pretendo invalidar; temos comtudo a chronica do condestavel, em que se ve que a sua carreira d'armas a favor do Mestre, e foi o seu principal cabo de guerra, não começou com mais de 25 homens d'armas e 30 homens de pé escudados (f. 60.) Notem bem, que o condestavel foi a maior personagem que temos tido, e desafiava os castelhanos ao combate sem ser em batalha campal. D. João II, conforme Resende, favoreceu muito os cavalleiros e fazia-lhes — muita honra e muitas mercês, e dizia que eram como a sardinha que era muita e que sabia muito bem e custava muito pouco. Termos taes como estes não se usam quando se quer inculcar respeito. O respeito que este rei tinha comeffeito, pela nobreza, mesmo a espiritual, que tomou sempre o passo sôbre a temporal, está em dizer ao cardeal D. Jorge da Costa « Pera que é nada, senão a um cardeal tão mal ensinado, desagradecido e de má condição, manda-lo tomar por 4 moços d'esperas, e afoga-lo em um rio, e dizer que cahiu e se affogou por desastre » Um insulto d'estes, subintende fraqueza na corporação do injuriado. Se houvesse grande número de nobres e elles tivessem podêr não toleravam mansamente, que um dos seus, e tão conspicuo, lhe ameaçassem a vida.

A. Brandão (L. 8, C. 21.) diz, que foi no tempo de D. Affonso V, que cresceram os titulos em Portugal. Os reis seus antecessores eram muito ciosos de dar a grandeza, e tambem o povo lhe estava constantemente requerendo a não liberalisassem. Elrei D. Diniz por alta distincção fez a seu irmão seu vassallo: « E devo fazer cavalleiro a el ser meu vassallo em todos los dias de sá vida. » (5.^a p. Mon. Lus., L. 16, C. 16.)

A qualidade de vassallo, mesmo no sec. XV, não era o que veio a ser depois, e faziam muita differença uns dos outros. No contracto de casamento da infanta D. Joanna com elrei D. Henrique IV de Castella, vem por testemunhas assignados D. Cag, rei de

Granada, vassallo d'elrei. (Hist. Geneal.) Qual era a condicção do vassallo, vem notado por A. Brand. (L. 11, C. 3.) citando as Partidas. Vassallos são aquelles que recebem honra e galardão dos senhores; assim como cavallaria, ou terras, ou dinheiros por serviços determinados. Faziam-se vassallos aos condes, ricos homens e capitães famosos. D. Fernando dando cartas ao conde de Barcellos, Dom João Affonso disse: — Fazemos saber que esguardando nós como D. João Affonso nosso fiel vassallo e conselheiro etc. — O mesmo rei mandou entregar uma terra de Pena com a igreja do Salvador e taballados do dito lugar ao conde Dom Gonçalo seu vassallo, em pagamento da sua quantia. Tendo mostrado a sua alta jerarchia, tambem convem agora mostrar que vassallos, segundo o Elucidario, desde elrei D. Fernando até elrei D. Manuel, passaram a ser igualmente os officiaes mecanicos e lavradores. Elrei D. Affonso V para as suas guerras admittiu muitos mecanicos apesar dos nobres. Elrei D. João II a requerimento das cortes fez 4,000. No tempo d'elrei D. João III extinguiu-se a milicia dos vassallos.

• Todavia a nobreza era pessoal e não andava annexa ao solo: dimanava toda do rei, como fonte unica de todo o engrandecimento nobiliar, e não lhe foi nunca coeva, para se poder pôr a par d'elle. Era ao rei, em Santarem, em 1434, que as côrtes se queixavam de haver feito tantos vassallos: ainda em 1455, em Lisboa, as côrtes se dirigem a D. Affonso V dizendo (cap. 6.º) quaes o hão de ser, « tendo-os feito de alfaiates e çapateiros, barbeiros e lavradores, e outra plebe... » Prometteu emenda o rei, ficando de os não tomar senão de boa linhagem. Tambem D. João II foi accusado pela fidalguia, por ser mui liberal d'ella, ás classes infimas. (E. Brandão 5 P. L. 16, C. 16.) É á vista de indicações tão salientes da exclusiva soberania do monarcha em Portugal, que pouco valor se pôde dar quando seja veridica, a admoestação que deram os seus conselheiros a elrei D. Affonso IV e que vem em D. N. Leão.

(Continúa.) C. A. da Costa.

BIBLIOGRAPHIA.

WAVERLEY, OU HA SSESSENTA ANNOS. Novella de Walter Scott, traduzida por A. J. Ramalho e Sousa. (Com estampas) — Lisboa, 1845.

392 Trasladando para as columnas da REVISTA o excellente artigo que, sobre esta novella e sua traducção, se le no último número do *Correio das Damas*, em quanto que mais de espaço me não occupo especialmente d'este objecto; não posso dispensar-me de pedir ao illustre traductor continue, se é possível, ainda com mais diligencia (com mais zêlo e habilidade de certo não pôde ser) na empresa tam grandiosa quanto prestadia á litteratura patria — hoje principalmente que tam raro é encontrar n'ella obra conscienciosa — da traducção completa de Walter Scott. O Sr. Ramalho tem apenas traduzidos cinco vinte e seis romances d'aquelle inimitavel romancista; mas confio eu que os seus desejos e esforços se empregarão em nol-o dar todo em linguagem. Defauconpret gastou vinte annos a traduzir Walter Scott e Cooper; a sua traducção ainda hoje é a melhor das francezas, e ja n'este anno se annunciou uma nova edição d'ella. O Sr. Ramalho é n'este caso o nosso Defauconpret: o

mais difficil para elle está passado, porque os ensaios ja la vão; o illustre traductor tem melhorado sempre as suas bellas traducções, e estou que familiarizado como está ja, seguramente, com o seu original, nos irá dando mais a miudo outras traducções do mesmo auctor, até completar, como muito é de desejar, uma empresa que lhe é tam gloriosa.

« A's traducções de *Ivanhoe*, de *Quintino Durward*, de *Kenilworth*, de *Anna de Geierstein*, o Sr. Ramalho, o nosso mais aprimorado e mais leal traductor, fez succeder a primeira das composições de Walter Scott, na extensa serie das suas immortaes novellas; primeira na ordem dos tempos, e litterariamente fallando, primeira a muitos respeito. Waverley abriu a serie de romances publicados pelo grande escriptor escocoz debaixo do veu d'anonymo, e a sua fortuna não se deveu á reputação do auctor, ja illustre como chefe de uma nova escola poetica, nem aos pomposos annuncios, nem a outro algum d'esses meios de reputação ficticia com que composições mediocres resistem ás vezes mais do que fôra de esperar ao seu inevitavel destino — o esquecimento. So, humilde, sem padrinhos, Waverley foi saudado em toda a Inglaterra como um grande livro, e a opinião desapaixouada das nações continenlaes confirmou o voto do publico inglez.

» Os criticos geralmente concordam em que no modo de narrar, no enredo, e muitas vezes no desenho das figuras que deveram ser as principaes, não se pôde por certo conceder a Scott o mais distincto logar entre os romancistas. É no pintar os caracteres dos seus heroes e heroínas escocesas, na verdade e na naturalidade das scenas que descreve quando as colloca na sua terra natal, e no meio dos seus compatriotas, que elle não tem emulo, e talvez seja Waverley o que mais se distingue entre os d'essa especie.

» E' todavia innegavel que n'este romance ha um defeito relativo: — a longa exposição que occupa quasi a quarta parte do livro, antes que a acção se desenvolva e marche com a rapidez necessaria para attrahir e subjugar a attenção do leitor. Para nós outros, povos do meio-dia, impacientes sempre, sempre desejosos de gosar logo, quer moral quer materialmente, uma introdução tão larga previne-nos a principio contra a obra. Se, porém, sabemos vencer esse pequeno embaraço, que procede mais de nós que do romance, este nos recompensa depois com uma serie não interrompida de commoções variadas, que não nos consentem abandonar a leitura sem a havermos concluido.

» Tal é, nas mais breves palavras possiveis, o juizo que fazemos de Waverley. Quanto á traducção quasi fôra escusado dizer cousa alguma. Os que conhecem as traducções do Sr. Ramalho, sabem que no meio do sem número de traductores que vertem para a nossa lingua, ou para uma cousa que se parece com ella, quanto sahe n'este genero dos prelos francezes, elle é, que nós saibamos, o unico que se occupa em nos dar fielmente nas mais puras fórmulas do idioma nativo as composições brilhantes do principe dos romancistas inglezes. O seu trabalho, feito com a consciencia com que se escreveria uma obra original, o tira completamente do campo da especulação, para o collocar no da litteratura, onde nunca entrará aquelle a quem falta a probidade litteraria, que é uma especie de probidade semelhante a qualquer outra. A escola de um escriptor tão puro na sua moral como grande no seu ingenho, o escrupulo com que são reproduzidas as delicadezas do original, não raro difficultosas de perceber para um estrangeiro, o respeito guardado á lingua patria, revelam no Sr. Ramalho, homem de letras, aquella mesma severidade de principios que sempre o distinguiram como homem publico. O escriptor que mereceu a reputação de um dos individuos mais honestos na profissão litteraria devia ter por traductor quem fosse capaz de o comprehender, não so nas suas inspirações, mas nos sentimentos intimos de candura e nobreza d'aima que respiram em todos os seus escriptos. »

PRIMEIRO ENSAIO SOBRE HISTORIA LITTERARIA DE PORTUGAL, desde a sua mais remota origem até ao presente tempo. Por Francisco Freite de Carvalho — Lisboa, 1845.

O annuncio feito em alguns periodicos d'esta capital particularmente na REVISTA n.º 21, sobre esta obra, despertou-me a curiosidade; por ser obra de uma penna tão portugueza, e por que se fosse pelos menos soffrivelmente composta, intendi era uma das mais importantes, que ha muito tinha sabido á luz dos prelos portuguezes. Antes de fazer conhecer a minha humilde opinião acerca d'este livro, quiz ver as dos mais entendidos, como porém nada tenha apparecido a tal respeito (ao menos de que eu tenha conhecimento) além do que se disse de relance na mesma REVISTA, resolvi sair-me a campo, bem persuadido de que n'isto cumpro um dever.

A falta absoluta de um escripto de tal natureza, era em verdade (permitta-se-me a phrase) uma escandalosa omissão em a nossa litteratura, tão rica, tão variada a todos os respeito. Não ha duvida de que, para ser bem desempenhada esta tarefa, se faz precisa a reunião de dotes litterarios muito acima dos ordinarios, como são a meu ver: vastidão de conhecimentos, e juizo atilado para bem saber classificar as disciplinas, e para dar aos seus cultores o lugar, que devidamente lhes compete, sem omitir os dignos, deixando no silencio as futilidades, que em grande parte enchem as pag. da bibliotheca de Barbosa; e tambem critica depurada no apreciar os nossos escriptores, pelo menos do seculo XV para cá.

Não faltam, é certo, ja por ali diferentes obras de mão estrangeira, que se tem encarregado de historiar a litteratura portugueza; graças lhes demos; pois tomaram a peito um trabalho, que muito ha devêra ter occupado os eruditos nacionaes: mas pôde acaso esperar-se de mãos alheias o feliz desempenho de uma obra tal, como esta? Ninguem ousará affirmar-lo — Se pois esta, possuir em grau sufficiente as qualidades que se requerem em obras de similhante natureza, ella e seu auctor bem devem merecer do publico.

Tentemos um exame rapido do livro, e vejamos se o auctor na tarefa, que a si mesmo se impôs satisfizes de modo que agrade aos entendidos. — Antes de tudo cumpre advertir, que o titulo não é o pomposo de *historia litteraria*, mas so o de *primeiro ensaio* sobre ella; e n'isto fez muito bem o auctor; pois começar logo de salto do nada para a completa existencia era audacia em demasia: a historia litteraria em grande escalla de um paiz, onde infelizmente coisa nenhuma se tem escripto methodicamente sobre o assumpto, fôra um trabalho impossivel a um homem so. Ao sr. Freire de Carvalho cabe todavia a gloria de haver aberto este caminho; os que o seguirem ja encontrarão n'este livro auxiliares que elle não teve; pelo que, repito, de muita benevolencia elle é credor da nação.

Em oito periodos, a começar dos tempos se não fabulosos, pêlos menos heroicos da litteratura do paiz, divide o auctor todo o espaço que se propoz a correr; e bem rapidamente que elle o percorre. Esta sua divisão, que é a mesma, que costuma fazer-se da historia civil e politica da nação, pôde passar sem offensa dos nimiamente escriptores: mas a que fadigas se não veria elle intregue para nos indicar ao menos coisa que satisfizesse, nos 4 primeiros periodos da sua divisão? E de tempos tão remotos quem ha que sobre o assumpto possa dar mais abundante pasto á nossa curiosidade? Para não deixar inteiramente em branco a parte relativa aos escriptores d'estes periodos litterarios tão pouco conhecidos, viu-se elle obrigado a encher-os de nomes, que a critica severa nunca se atreveu a reconhecer, como são os de Raymundo, Angelo Pacense, Alladio, e mestre Menegaldo, os quaes todavia apresenta com as devidas advertencias e correções em as notas respectivas. Do periodo 5.º em diante ja o auctor caminha mais desassombrado; não so porque as noticias litterarias da nação são mais abundantes, ou se quer menos escassas; como tambem a lista dos auctores é mais cheia de nomes, por onde pôde escolher-se. Onde porém elle se espraia á larga é nos tres periodos ultimos, e com razão; por serem estes os que subministram maior numero de documentos á historia litteraria de Portugal, e maior abundancia de nomes conhecidos no mundo litterario. Nos periodos 6.º e 7.º não posso deixar de contar por noticias de grande importancia as que o livro nos apresenta de muitos portuguezes, que deram nome á patria, occupando cadeiras de ensino em diferentes universidades estrangeiras, assumpto de que me não consta ter-se alguem occupado até agora. — Na menção que o auctor faz dos sabios por-

luguezes, talvez quizeria alguém que omitisse antes alguns para fazer apparecer outros de quem bem pode ser se não lembrou: como isto depende de gostos, e elle não se propoz a escrever a historia litteraria, não me reputo, nem a ninguem com direito a censural-o: além de que parece-me, que os nomes em geral, que figuram na obra, não poderão deixar de merecer a acceitação dos entendidos; e demais o auctor deixou a este respeito resalvado o seu criterio com a passagem de Quintiliano que se lê em uma nota da sua prefacção — Talvez tambem quizeria alguém, que, juncta com a noticia das obras attribuidas a cada um dos auctores, se lesse um juizo critico dado mui explicitamente sobre cada uma d'essas obras: fôra muito exigir, e demais o auctor, como elle declara, não se propoz a escrever uma historia litteraria analytica, mas um mero ensaio historico, no qual teve em vista patentear ao mundo, contra os ignorantes, e os mal intencionados, que Portugal abundou em todos os tempos, de que ha noticia, em cultores das lettras e das sciencias, que tiveram voga no correr das edades, não ficando atraz das outras nações na estrada do progresso intellectual; e, se tal foi o seu intento, desempenhou-o. E além d'isto, o livro não é absolutamente omisso de juizos criticos; pois não poucos se leem ora feitos pelo auctor, ora por outros criticos. —

O que dará ainda occasião ao reparo de alguns leitores, será o de não se ter o auctor esquecido de si, e dos seus em alguns logares do livro: mas quem não relevará essa pequena vaidade a quem, n'esta e em mais obras tantos serviços tem feito á sua patria? Sim, insistirei em que fez serviço a Portugal com esta sua obra, e para isso bastaria so a divulgação que dá a pag. 116 da gloria, que nos resulta, de ter sido e portuguez Antonio Luiz o primeiro entre os modernos, que entreviu a hypothese da — *Attracção Universal* — depois repetida por Bacon, e confirmadas e assignadas as suas leis pelo celebre Newton. — E' verdade, que tudo quanto no primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal se lê, anda por ali escripto em muitos livros; mas a reunião-systematica de todas estas noticias gloriosas para Portugal é sómente elle quem as apresenta em um pequeno e luminoso quadro aos olhos dos seus leitores. — Quanto á linguagem, em que o livro está escripto, nada tenho podido encontrar que mereça censura, antes muito que mereça ser louvado, mormente em tempo, que o bello idioma portuguez anda envolvido em tantos retalhos do estrangeiro, que mais parece variegada manta de pedinte, do que lingua culta, abundante e harmoniosa, qual a fallaram os Barros, os Souzaes, os Vieiras, os Camões, etc.; ainda este e outros escriptos servirão no futuro para depurar a linguagem d'esses termos *palpitantes*, com que hoje se ostenta uma falsa erudição e máu gosto, e que so servem de occultar a ignorancia de quem as emprega: honra ao Sr. Freire de Carvalho que escreve em tam boa linguagem portugueza; a mocidade esperançosa não ha de lêr os seus escriptos em vão!

Concluirei, applicando ao livro, que me propuz a fazer passar pela fleira da minha, muito minha critica (e'est ma critique à moi) as muito sensatas expressões do nosso bom velho Garcia de Resende: « Quem escreve, não pôde contentar a todos; e não fará pouco, se de poucos for tachado; que todos querem emendar, e mui poucos escrever. E, para se isto evitar, não devia de haver outra pena, senão aos glosadores metter-lhes papel e tinta nas mãos, e fazel-os por força escrever; e seria mui bom freio para os desbocados, que, sem saber o que dizem, glosam o que não intendem.» (1)

Um — d x — de litterato.

EXPECTACULOS.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

ALCANÇA QUEM NÃO CANÇA — Melodrama heroi-comico em 2 actos — Poesia de *Ferreti*, Musica de *Ricci* (Luiz). As MODISTAS — bailete-jocoso — Composição do Sr. *Martin*, Musica do Sr. *Pinto*.

393 Eu não sei bem se o titulo de um libretto d'opera italiana é coisa que se deva ou não traduzir: creio

(1) Chronica d'El-rei D. João 2.º cap. 127, fol. 32.º col. 1.

que não. Ca em Portugal, onde ha muitos maus costumes inveterados e onde não ha razão que seja capaz de os exterminar, usa-se isto: e por isso vemos por ahí cada titulo de arripiar ouvidos, desconcertar o juizo, e estropear a lingua. Eu desde que vi dar o nome de *filha do regimento* a uma *Vivandeira*, fiquei habilitado para ver traduzir tudo, e bestificar tudo! Era tambem uma opera: e nada mais comeseinho que é traduzir do *fille francez filha* em portuguez! Como quer que seja, *alcança quem não cança* será muito bonito; mas nem se sabe ao menos que é traducção do *Chi dura vince*, que é o titulo da peça de que tracto. Repito que me parece que este titulo, sendo a opera italiana e cantada n'esta lingua, e por outras razões mais, não devia ser traduzido; mas querendo dar uma idea d'elle á frente da traducção portugueza do libretto, servissem-se d'outro rifão correspondente: temos uns poucos em portuguez; mas o mais comico e apropriado n'este caso seria — quem porfia mata caça —. Ora, quando eu disse: á frente da traducção portugueza, era suppondo que a bouvesse, mas *traducção* de 'libretti' é coisa que não ha... Seja dito de passagem.

Sabido pois, que a opera que foi pela primeira vez á scena no theatro italiano, em 21 do corrente, se chama *CHI DURA VINCE*, accrescentarei mais que é composição de Ricci (Luiz) o auctor da 'Clara de Rosenberg.' Esta opera-jocosa tem sido sempre muito bem acolhida em todos os theatros de Italia. A sua musica é facil, ligeira, engraçada, ás vezes bastante comica. O que mais agradou entre nós foi o tercetto de dois baixos e tenor do 1.º acto, o final d'este mesmo acto; o quarteto acabando em quinteto do 2.º acto, e sobretudo o duetto dos dois baixos. Mas ao que, sem dúvida, ésta peça deve a popularidade de que goza na Italia é ao seu libretto, que nós estrangeiros pouco entendemos, ou de que não curámos. O libretto é uma comedia muito graciosa, cheia de novidade e de chistes. Heide contar a sua contextura em poucas palavras.

Um rapaz nobre e ricco, casa com uma senhora igualmente nobre. Mas o noivo desaparece logo depois e vai procurar trabalho ás officinas de um pelleiro, que o toma por official. Impaciente a esposa pela ausencia de seu marido, põe-se em jornada para as terras d'este: a carruagem quebra-se-lhe no caminho, e o mestre pelleiro dá no emtanto pousada á illustre viajante. O marido ve-a, conhece-a, e em confidencia conta a seu mestre, que aquella senhora é uma condessa que se apaixonára por elle, e a quem elle enganára, sendo um pobre homem, desposando-a, porque se fingira nobre como ella; mas que não podendo sustentar o seu ingano lhe fugira e por isso alli viera e se achava trabalhando agora. Por aquella regra de que, *quanto tendes quanto vales*, dois vilões que até alli se haviam desfeito em servís obsequios *alla grande contessa*, se ostentam depois rusticos atrevidos, e a nobre senhora é victima das suas grosserias. Ainda para maior desgraça o seu proprio marido vem confessar-lhe que não é mais que um pobre pelleiro, e convida-a a tomar parte nas suas despreziveis tarefas. Não tarda porém que todos estes inganos se desfaçam, e os dois esposos ficam depois vivendo cheios de paz e de amor; porque o fim do marido não foi outro, em tudo isto, senão quebrar o orgulho á sua gentil metade, molestia de que ella padecia grandes achaques, mas de que afinal ficou curada.

Bem se ve que o desinvolvimento d'esta feliz idea hade dar logar a incidentes e situações muito comicas. É o que acontece, entre outras, na scena V do 1.º acto, quando o mestre pelleiro se regalla com o almoço preparado para a nobre viajante, e dá occasião a um bonito tercetto; e na scena XI quando o marido apresenta a roca á condessa e a obriga a fiar. E do mesmo modo nas scenas V e VI do 2.º acto, e principalmente na scena VIII, quando o mordomo da baroneza irman do noivo, e o mestre pelleiro, sabem quem é o fingido artifice, e se julgam perdidos pelo mal que se comportaram com elle; que é uma scena e duetto dos mais comicos que se conhecem no theatro italiano, e que foi excellentemente desempenhado pelos Srs. Salandri e Catallano.

As *Modistas*, em geral, são mais agradaveis ca fóra do que na scena... No emtanto algumas coisas tem este bailete bastante engraçadas. Assim o Sr. Martin substituisse o passo-a-dois por outro de menos fadiga e de mais effeito; porque essas danças hispanholas, a nós povos da peninsula, interessam-nos pouco, e o enthusiasmo que costumam produzir, por exemplo, em França, converte-se todo aqui em indifferença. A pyrrhica dançada pelas segundas bailarinas, está optimamente ensaiada e é de lindo effeito.

A musica é bellamente apropriada, e tem algumas parodias de bastante facecia.

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

394 INNOCENCIA E CALUMNIA, Comedia em tres actos — Imitação do Sr. Felner.

É costume, mui raras vezes interrompido, chamar *imitação* á traducção livre de uma peça, cuja scena se faz passar em Portugal, mudando os nomes francezes em outros portuguezes; e sem mais cerimonia nem escrupulos, da-se por feita a *imitação*! É absurdo: não digo bem, é mais que absurdo. Se a peça fica franceza no fundo; se os costumes são extranhos, se os usos são diversos dos nossos, de que serve dizer Lisboa em vez de Paris, Leiria em lugar de Lyon, Sebastião por Laumion, a Senhora Margarida por Madame La Peirouse? É muito peor ainda: faz-se muitas vezes um contra-senso e um destempero que ninguem póde aturar; uns porque conhecem a razão, outros porque teem o instincto de que aquillo não é nosso, e que lhe querem imbutir gato por lebre. Ha tambem coisas que se não devem nem podem imitar; ficam muito melhor, ou, antes, so podem ficar sempre francezas como estão, francezas como foram feitas. *Cada terra com seu uso*, diz um antigo rifão nosso, e diz muito bem como dizem todos os nossos rifões. Ora, se isto se ve de Lisboa para Cascaes, ou d'Aldea-Gallega para Loires, que fará de França para Portugal, e principalmente de certas partes da França para outras muito diversas partes de Portugal? É o que um grande número dos nossos imitadores não teem sabido ou não teem querido intender. É necessario substituir uso a uso, pôr um costume nosso em lugar d'outro costume alheio; e quando isso senão póde fazer, ou porque não temos equivalente ou porque a coisa assim transformada não diz bem com o todo, ou não corresponde á idea-mãe d'elle, então não se imita, traduz-se: e uma boa traducção é uma boa-obra, e uma bella peça de costumes extranhos é tambem lição e ao mesmo tempo instrucção.

Parece-me muito solida esta doutrina, e muito a proposito tractando do Sr. Felner, que eu quizera apontar aos imitadores como seu exemplar. No *Pai de uma Actriz*, engraçada comedia que não ha de infastiar nunca enquanto o protagonista for o Sr. Sargedas, mostrou o Sr. Felner como se póde e deve imitar uma comedia; na *INNOCENCIA E CALUMNIA* subiu ainda de ponto, e fez obra de mestre. Aquillo é tudo portuguez: fórma, caracteres e dialogo. No curso de uma primeira representação so lhe notei um lapso sobre coisa que não é nossa: diz-se n'uma estallagem 'o quarto n.º 12:' mas a acção é em 1777, e ainda hoje mesmo as nossas estallagens de provincia não tem quartos numerados, e aqui está o que me parece um lapso.

Para se ver que fallo imparcialmente, e que longo com justiça e não por obsequio, como hoje se usa quasi sempre louvar, assim como se deprime por inveja ou zangueira, farei ainda mais dois reparos: O 3.º acto como está é inferior aos outros dois, especialmente o 2.º, que me pareceu o melhor de todos. Precitaria talvez alguns côrtes e porventura mais concertadinho. O outro reparo é sobre o titulo, que me parece de comedia de roccó, da escola de Kotzbue. E para acabar pedindo alguma coisa, heide pedir a eliminação de certos *mangericões* que o Sr. Sargedas tem que regar.... Isto é um pedido como qualquer outro.

Deixando estas pequenas coisas, a imitação do Sr. Felner é digna de todo o louvor: até na escolha da epocha foi o imitador judicioso. Aquelle tempo do Marquez de Pombal, é uma epocha interessante, fertilissima, que podia dar muito drama e muita comedia sendo bem estudado: parece como que talhado para alimentar o nosso theatro-nacional de hoje, até na razoavel proximidade dos nossos dias.

A execução por parte dos artistas é boa, e algumas vezes excellente.

VARIETADES.

O MEZ DE FEVEREIRO.

395 Chama-se dos *Peixes* o signo d'este mez, por que se diz que as pescarias são n'este tempo mais abundantes, e mais saborosos os habitadores dos mares que a arte culinaria affeição aos caprichos da gastronomia. O nosso astronomo disse assim dos que nascem n'este mez

É no mar valente e habil
Quem n'este signo nasceu;
Mas cabe por amor da isca
Se alguém rede lh'estendeu.

A isto ser certo, eu creio que a maior parte da gente que hoje existe nasceu em fevereiro. Quem ha ahí que não corra á isca que se lhe apresenta? Se cabe ou não em rede não sei eu; mas se cahir é uma consequencia da sua golodice. Ha muitos porém que se deixam *cahir* porque assim lhes faz conta; comtudo o mais fino em todos os tempos será o que comer a isca e der com o pe no anzol...

Agora a respeito de valentia no mar, n'este seculo ja não é precisa; e hoje parece-me que pelo que nos toca foi parar toda aos folhetins maritimos do Pa-

triotista. Abençoado seja o seu illustre auctor, que assim nos aviva os reflexos de nosso antigo esplendor maritimo! Oxala que elle não levante mão do assumpto sem o esgotar. Portugal é decerto o paiz onde mais se conhece e se escreve das coisas extranhas, e menos se sabe e se tracta das proprias. Eu apostaria que mais de nove decimos dos que leem o *Patriota* nem pensavam sequer que haviamos feito tanto no mar durante a última guerra. É assim em tudo. Perguntem a qualquer, d'esses que leem, se sabe o que fez a fragata *Constituição* dos Estados-Unidos no tempo da guerra da independencia, contra os navios inglezes: 'Pois não heide saber.' (replica-vos elle). 'La tenho eu na minha sala bem lindas estampas que representam os seus combates magníficos. Isso é uma coisa que todos sabem.' — 'Mas aposto eu Sr. Sabedor, que V. m. não sabia nada do que fez a nossa fragata *Andorinha* contra os navios francezes?' — 'Ah! la isso não, Senhor; quem m'o havia de dizer? Isso não está escripto nem gravado, queria que eu o adivinhasse?...' Ora, contra esta razão é que não ha que dizer. E é como sempre foram e são as nossas coisas. Que querem, se até é preciso ir vasculhar nas bibliotecas estrangeiras os manuscriptos de nossos escriptores para comprovarmos as nossas descobertas e conquistas! O que eu queria que o meu astronomo me dissesse era em que signo nasceu o Adão dos nossos portuguezes...

Tem fevereiro 28 dias; e n'este mez crescem os dias 53 minutos, 26 de manha e 27 de tarde: o seu maior dia é o último que tem 11 horas e 5 minutos. No seu dia 1 nasce o sol ás 6 h. 54 m. e põe-se ás 5 h. e 6 m.: no dia 28 nasce ás 6 h. e 28 m. e põe-se ás 5 h. 33 m. A sua lua começou em 26 de janeiro e acaba no seu dia 24. (*)

N'este mez ha muito que fazer no amanho de quintas, hortas e jardins. Plantam-se estacas, transplantam-se e plântam-se diversos vegetaes e flores etc., etc. O sol começa a subir no horisonte e aquecer; mas este mesmo calor faz derreter as neves e o frio ás vezes torna-se muito intenso. N'este nosso bello clima o fim d'este mez é ordinariamente como um começo de primavera: as arvores florecem, o horisonte é puro, e até as aves ja ensaiam seus gorgeios; tudo principia a ser esperança, amor e vida.

Seria, talvez, por este motivo que os romanos, povos do meio dia, celebravam em fevereiro a festa da deusa da saude. Mas além d'esta tinham as *lucarias*, as *faunaes*, as *lupercalias*, as *quirinalias*, as *terminalias*, e as dos *fornos*. E ainda aqui não fica, porque faziam tambem sua festa á deusa *Muta*, que foi uma nymphá muito lambareira a quem Mercurio cortou a lingua por ella ir dizer a Juno dos amores de Jupiter com Juthurna. Ora, se houvesse n'este tempo um Mercurio d'estes, porque dos outros ha muitos, vejam que de linguas fóra que por ahí não iriam! Mas ao menos ficavamos livres de mexiriqueiros, que a dizer a verdade não merecem nunca menos que lingua cortada.

Tinham tambem os romanos, sem fallar ainda n'outras festas pequenas d'este mez, outra bella funcção; era no dia 22, em que se ajunctavam todos os parentes e amigos, para passarem com a sua familia um dia de ju-

(*) Segundo o costume as luas tem o nome do mez em que acabam.

bilo e prazeres: o que na verdade devia ser um dia muito aprazível, se ainda então se não dizia, como agora. *parentes são os meus dentes.*

Eu creio que esta festa era imitada dos gregos, que também n'este mez celebravam uma festa *fraternal*, de muito riso e folgança, em que os escravos comiam á mesa com seus senhores. Isto, em quanto a mim, vemos nós todos os dias sem ninguem fazer caso: porque de ordinario o commensal é *escravo* de quem lhe paga a papança; se o duvidam deitem os olhos para a *mesa do orçamento*... Os gregos tinham mais outras festas; uma por exemplo, em que faziam um grande veado de massa feita de farinha e mel; havia de ser bonito! o que se não diz era quem o comia; mas chamava-se a tal festa *elafebolia*.

Do *entrudo*, e talvez alguma outra festa moderna, fallarei especialmente.

EPHEMERIDES.

2. Fundação do mosteiro d'Alcobaça [1148]—13, Posse do 1.º patriarcha de Lisboa [1717]—22, terramoto geral na Europa [1309]—23, Tormenta horrorosa e terramoto em Lisboa [1370]—27, Conquistou pela 1.ª vez o grande Affonso d'Albuquerque a cidade de Goa [1510]. Fundação do mosteiro d'Odivellas por elrei D. Diniz [1295]. Termo da guerra peninsular [1814]—28, Embaixada do Prestes-João a Portugal [1514].

CORREIO EXTRANGEIRO.

396 Acaba de ser descoberto, e confirmado, um novo planeta no nosso systema solar, entre Juno e Vesta; deu-se-lhe o nome d'Astrea.

Com o fim de dar que fazer á gente necessitada, o govêrno inglez manda executar na Irlanda grandes trabalhos de utilidade pública. Vão-se seccar muitos terrenos pantanosos, limpar e cavar os leitos dos rios etc. Em resultado d'esta providencia, milhares de geiras de terrenos incultos se tornarão productivos e ferteis.

O carril-de-ferro de Manchester a Sheffield estreou-se a 22 de dezembro. O grande tunnel que fura os montes dos condados d'York e Lencaster custou 200,000 lib. ster. e a sua construcção durou sette annos.

Na ilha Jamaica os carris-de-ferro ja estão em exercicio. Os trens obteem a velocidade de 50 milhas por hora, em pequenas distancias.

Tem-se sentido alguns tremores de terra em Trieste, Veneza, Laibach e outros pontos vizinhos.

CORREIO NACIONAL.

397 Parece achar-se constituída uma nova companhia, de que pôdem resultar mui grandes beneficios para a agricultura do paiz e commercio dos cereaes, é a dos 'Moinhos-fluctuantes' de que mais largamente tractarei n'outra occasião. A direcção dá todas as garantias de prosperidade a esta companhia: é presidente o Sr. Felix Pereira de Magalhães; vogaes, os Srs. conde do Farrobo, visconde d'Azurara, Ayres de Sa Nogueira, e Braancamp (Geraldo).

Talvez domingo, 1 de fevereiro, ou proximamente, vá a

scena no theatro de San'Carlos a nova opera de Ricci (Frederico) *Corrado d'Altamura*.

O paquete d'Inglaterra que devia ter entrado no Tejo em 23 do corrente, não tem apparecido ate hoje (23). Ha quem diz que arribára á Corunha, mas n'esse caso ja teria mandado a maila para o Porto.

Necrologia. Falleceu no dia 17 do corrente o Sr. C. H. de Gouvea Durão, que foi ministro d'estado em 1826 e 1827, e deputado em 1820. Tinha 80 annos.

Hãode arrematar-se alguns bens nacionaes: em 11 e 12 de março no districto de Santarem, em 16 nos districtos de Lisboa e Evora, e em 17 d'abril outra vez no districto de Santarem.

Por portaria do ministerio da marinha de 17 do corrente, foi creada uma commissão para promover uma subscrição pelas diferentes terras do reino, a favor dos habitantes da ilha de Santo-Antão, a quem uma alluvião em outubro estragou a propriedade, e deixou ameaçados de miseria e fome. E' presidente o Sr. barão de Lazarim, e thesoureiro o Sr. João Gomes da Costa.

A receita do 'Asylo de mendicidade' em dezembro último foi de 1:049\$027 réis alm de diversos donativos: a despeza foi de 1:325\$715 réis; mas como o saldo, *na-caixa-filial*, era de 457\$703 réis em metal, e 75\$000 réis em papel, sobrou ainda para o mez de janeiro 256\$015 réis.

A união das sociedades philharmonicas foi definitivamente votada em ambas as assembleas. Se a junção d'ellas se realizar debaixo dos auspicios que parece que presidem a esta feliz idea, Lisboa ficará possuindo um estabelecimento, no seu genero, sem rival na Europa.

No dia 25 do corrente tomou posse solemne o Sr. Patriarcha de Lisboa, D. Guilherme, da sua igreja metropolitana. Espera-se brevemente o *barrete cardinalicio* do illustre Prelado; e auguram-se os melhores resultados do desempenho dos deveres augustos de tam elevado cargo.

A contar de 26 do corrente, estão a concurso por 60 dias as cadeiras de arithmetica e geometria com applicação ás artes e primeiras noções d'algebra e philosophia racional e moral e principios de direito-natural, dos lyceus da Guardas e Vianna; e as d'oratoria, poetica e litteratura classica, especialmente portugueza, chronologia e geographia, especialmente commercial, dos lyceus de Beja, Bragança, Faro, Leiria, Portalegre e Santarem.

O Banco-commercial do Porto continúa em estado de prosperidade: no anno findo descontou 1.212 lettras, e emprestou: sobre vinhos, 134:411\$214 réis, sobre titulos de divida-publica, 251:200\$000 réis, sobre penhores de prata, oiro e pedraria, 6,757\$650 réis, sobre suas proprias acções, 148:850\$000 réis. O dividendo foi de cinco e tres quartos por cento ou 11\$500 réis por acção.

A estação dos bailes começou finalmente em Lisboa, e vão-se succedendo quasi sem interrupção. Dos particulares, pedenos um correspondente que façamos especial menção do que teve logar em casa do Sr. Marquez de Vianna na noite de 23 do corrente: era anniversario de S. Ex.^a, não houve convites, mas todos os amigos do nobre Marquez acharam ser do seu dever cumprimental-o por essa occasião, e a noite passou-se deliciosamente no meio de uma sociedade luzida e numerosa, tractada com fausto e delicadeza.

Advertencia.—Na pag. 391 col. 1.ª da última REVISTA, deve prehencher-se a... com o nome de San' Nicolau, que é a ilha a que a reticencia se refere.